

Pinto, M., Sarmiento, M. J. (Coords.) (1997). *As Crianças: contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 293 páginas. ISBN: 9729732310.

Manuel Pinto e Manuel Sarmiento, coordenadores do livro em análise, são professores na Universidade do Minho, Braga, Portugal. A obra que coordenaram marcou definitivamente a entrada, no final da década de 90, dos Estudos das Crianças (p. 10) ou Estudos da Infância (p. 26) em Portugal. A utilização das duas designações ao longo do livro marca um dos eixos fraturantes do campo, a própria designação, que continua atualmente aberta ao debate.

Fazendo recurso a propostas de leitura tão distintas e temas tão diversificados, desde a revisão histórico sociológica das imagens da infância (Manuel Pinto), aos direitos da criança (Natália Fernandes Soares), à educação de infância – o jardim de infância enquanto lugar de institucionalização da infância (Justino Pereira de Magalhães) e a tomada de consciência, como processo cognitivo e de apreensão do mundo, pelas crianças pequenas (Paula Cristina Martins) –, aos tempos livres das crianças (Beatriz Oliveira Pereira e Carlos Neto) até à educação e ao trabalho de crianças e jovens numa região no norte do país (Manuel Jacinto Sarmiento, Eduardo Meira, Olívia Neiva, Altina Ramos e Ana Margarida Costa), o livro coloca-se radicalmente contra as visões dominantes e estreitas sobre a infância e as crianças. Essas visões, caracterizadas pelo seu carácter fragmentado, assentes numa visão teleológica e linear do desenvolvimento das crianças e na assunção de uma visão da criança enquanto objeto de estudo, são contestadas ao longo das quase trezentas páginas que constituem o livro.

Pode afirmar-se que assistimos neste período ao início de um movimento de viragem epistemológica, em Portugal, fundante de uma renovada reflexividade sobre a infância e sobre a criança, entendida como ser biopsicossocial, ator social de pleno direito, sujeito de direitos, produtora de cultura, ser completo e competente e, por isso mesmo, com muito para dizer acerca dos seus mundos de vida. O apelo do campo à multidisciplinariedade, a uma abordagem integrada da investigação e a tentativa em conseguir ‘alcançar’ as vidas das crianças e o seu bem-estar, toma corpo nesta obra.

Não é, pois, de admirar que o livro proceda a uma análise da infância e das crianças – o lugar de encontro de todos os textos e autores/as – a partir de uma literatura científica multidisciplinar, que vai das ciências da comunicação, à sociologia da infância, às ciências da educação, à psicologia até às ciências do desporto, pluri teórica e metodológica em torno da análise dos contextos e vida das crianças e para a sinalização das suas identidades.

M. Pinto e M. Sarmiento, os dois autores no texto introdutório da obra, intitulado “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo” (pp. 9-30), apresentam os pressupostos fundadores e estruturantes do campo dos Estudos da

Criança, nomeadamente, o reconhecimento das múltiplas formas em que a infância é socialmente (re)construída em relação ao tempo e espaço, idade, género, etnia, classe social, etc., ou seja, a consideração da infância como construção social e como categoria social de tipo geracional. Este processo, longe de ser consensual e linear, é, segundo os autores, atravessado por paradoxos, “ao falar-se (e ao estudar-se) as crianças, produzem-se, na ordem do discurso e na ordem das políticas sociais, efeitos contraditórios, que resultam da extrema complexidade social da infância e da heterogeneidade das condições de vida” (p. 14).

Os eixos de questionamento e análise que perpassam o livro, ainda que assumindo natureza, abordagens e metodologias distintas, centram-se na tentativa de analisar um conjunto de pressupostos e de tensões quando se estuda as crianças a partir delas para o estudo das realidades de infância, que nesta obra se faz a partir de contextos específicos da sociedade portuguesa.

O conjunto de artigos que o livro congrega é ilustrativo dessa diversidade ao levantar questões desafiadoras que oferecem novas perspetivas no campo das pesquisas com crianças. Neste sentido, apresentamos de forma resumida a organização do livro.

As discussões decorrem em torno de duas partes organizadas em capítulos, que se seguem a um primeiro capítulo introdutório. A primeira parte assume um pendor de conceptualização teórica em torno dos eixos centrais na construção da infância como categoria social, a partir de três textos: “A infância como construção social” de M. Pinto (pp. 33-73), “Direitos da criança: utopia ou realidade” (pp. 77-111) de N. Soares e “Um Contributo para a História da Educação de Infância em Portugal” de (pp. 115-145) de J. Magalhães. A segunda parte apresenta um conjunto de três investigações que desocultam as vozes e conceções das crianças em relação a temas tão diversificados como a “Planificação da actividade e tomada de consciência na criança” (pp. 149-216) de Paula Cristina Martins, “A infância e as práticas lúdicas. Estudo das actividades de tempos livres nas crianças dos 0 aos 10 anos” de B. Pereira e C. Neto (pp. 219-264) e “A Escola e o trabalho em tempos cruzados” (pp. 267-293) de Sarmiento *et al.*

De leitura acessível e abrangente, o livro não oferece dificuldades de interpretação, constituindo uma rápida e útil introdução a um campo que se inaugura em Portugal. Aliás o livro é editado pelo centro de investigação com a mesma designação que teve sede, até 2008, no Instituto de Estudos da Criança, um oásis no país.

Em síntese, este livro contribui de forma decisiva para o movimento de constituição dos Estudos da Criança como um campo de estudos autónomo e diferenciado em Portugal, processo que tem vindo a percorrer um caminho, não isento de dificuldades e obstáculos. Não há dúvida de que se trata de uma obra de leitura obrigatória, essencial para compreender o nascimento e desenvolvimento dos Estudos da Criança em Portugal.

Catarina Almeida Tomás
Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal)
caterinatomas@gmail.com